

## A DEMOCRACIA COMO POR VIR

RODRIGUES, Carla. **A democracia como por vir. Duas palavras para o feminino: hospitalidade e responsabilidade:** [sobre ética e política em Jacques Derrida]. Rio de Janeiro: Nau, 2013, 224 p.

Maria Isabel Bordini \*

“Escrever sobre o pensamento da desconstrução é escrever lembrando que há sempre uma tentativa – vã – de apropriação. O que há neste texto é um desejo, desejo expresso nesta tentativa – sempre parcial, provisória e incompleta – de apresentar o pensamento da desconstrução como pensamento do feminino” (RODRIGUES, 2013, p. 148). Essas colocações possuem, pode-se dizer, um valor de síntese das reflexões que Carla Rodrigues desenvolve em *Duas palavras para o feminino: hospitalidade e responsabilidade*. Neste trabalho, a autora não apenas revisita momentos centrais do pensamento de Jacques Derrida, mas estende a crítica da desconstrução a alguns dos principais conceitos da tradição filosófica.

Ao tratar do feminino, Carla Rodrigues busca se afastar de qualquer visão essencialista: o próprio pensamento da desconstrução é renomeado, por ela, de *pensamento do feminino* (RODRIGUES, 2013, p. 14)<sup>1</sup>. Assim, partindo do tema do *falo-fono-logo-centrismo* como uma herança cultural predominante na tradição filosófica, e apoiando-se no diálogo que Derrida mantém com Nietzsche – acerca da suspensão da “verdade” – e com Lévinas – sobre as diferenças sexuais e a associação entre feminino e alteridade – a autora retoma a proposta ético-política de Derrida, abrigada sob aquilo que ele nomeou como *hospitalidade incondicional e responsabilidade infinita*. Esses dois termos articulam-se, na reflexão de Carla Rodrigues, em associação à desconstrução como pensamento do feminino. Ou seja, a autora propõe que a interrogação aos limites da razão e da

---

\* Mestre em Letras pela UFPR. Doutoranda pela UFMG

<sup>1</sup> “(...) duplo genitivo, pois é um pensamento que pensa o feminino e também pensamento que vem do feminino (...)”

universalidade iluministas levada a cabo por essa proposta ético-política de Derrida (a proposta da hospitalidade incondicional e da responsabilidade infinita) seja lida em conjunção com o pensamento do feminino como um pensamento da desconstrução.

O feminino em Derrida, segundo a abordagem da autora, seria outro nome para indicar aquilo que pluraliza e heterogeneiza uma dada singularidade. Desse modo, um ponto central do trabalho de Carla Rodrigues é a consideração da articulação feita por Lévinas entre feminino e alteridade, bem como o aproveitamento dessa articulação por Derrida, que a propõe como abertura e como condição para a ética. A partir de Lévinas, Derrida proporia a ideia de uma dissimetria absoluta em relação ao outro, sob a formulação de que *todo outro é totalmente outro*. Essa formulação ampliaria as proposições lévinasianas que ligam feminino e alteridade e marcaria a radicalidade do pensamento ético de Derrida.

O quarto e último capítulo do livro é o que mais incisivamente sustenta a hipótese de articulação entre o modo de pensar a ética e a política e o modo de pensar o feminino de Derrida. Nesse capítulo, aborda-se a desconstrução não como um processo marcado pela negatividade, mas, antes de tudo, como “a reafirmação de um sim originário” (RODRIGUES, 2013, p.127). Ou seja, a desconstrução está ligada à abertura permanente ao desdobramento de questões e a um processo de esclarecimento infinito. Tal afirmatividade se articula, por sua vez, com a proposta da hospitalidade incondicional e pode nos fornecer uma chave para uma possível tradução da proposta ético-política de Derrida em uma postura prática.

Nesse sentido, é interessante a revelação da autora, nessa altura do livro, de que a questão da tradução do pensamento de Derrida em prática política estaria na motivação inicial de sua pesquisa. Ou seja, a questão a que Carla Rodrigues parece originalmente ter se proposto responder seria: como (e até que ponto) o pensamento da desconstrução pode oferecer uma forma de se fazer política? A ideia da “democracia por vir”, tal como denominada por Derrida, parece permanecer com plano de fundo das investigações de Carla Rodrigues, ainda que nenhuma proposta prática seja efetivamente levantada.

A “democracia por vir” se traduziria na concepção da democracia como um regime político que consistiria numa promessa. Uma promessa que inclui, como dados

fundamentais, os seguintes pontos: igualdade, liberdade, liberdade de expressão, liberdade de imprensa.

A democracia como promessa está inteiramente atravessada pelas ideias de hospitalidade incondicional e responsabilidade infinita. O *por vir*, como qualificativo da democracia, implica aquilo que não vem, mas permanece sempre esperado, iminente, incompleto. Assim, para a questão “É possível conceber uma ética e uma política com o pensamento da desconstrução?”, a autora dá resposta afirmativa. Já para a questão “É possível traduzi-las numa prática?”, a resposta, tendo em vista que a proposta ético-política em questão só se efetiva como promessa, não pode ser outra senão esta: *talvez*. Carla Rodrigues vai ainda mais longe, ao concluir que “reconhecer a impossibilidade de formular uma política *talvez* (...) seja a única resposta coerente com o pensamento da desconstrução” (RODRIGUES, 2013, p.126).

Não fechar o pensamento da desconstrução em propostas práticas parece ser a única forma de manter como promessa, e portanto como horizonte da atuação política, a hospitalidade incondicional, bem como de se contemplar, no cotidiano da esfera política, os inesperados e ilimitados desdobramentos desse tema, como a questão de direitos, de soberanias dos Estados, de demarcação de territórios, de políticas de migração e imigração etc. Um pensamento do impossível, visto como “única chance possível de qualquer novidade”, desponta, então, como estratégia para manter a permanente abertura à resolução de qualquer questão concreta que surja na arena política.